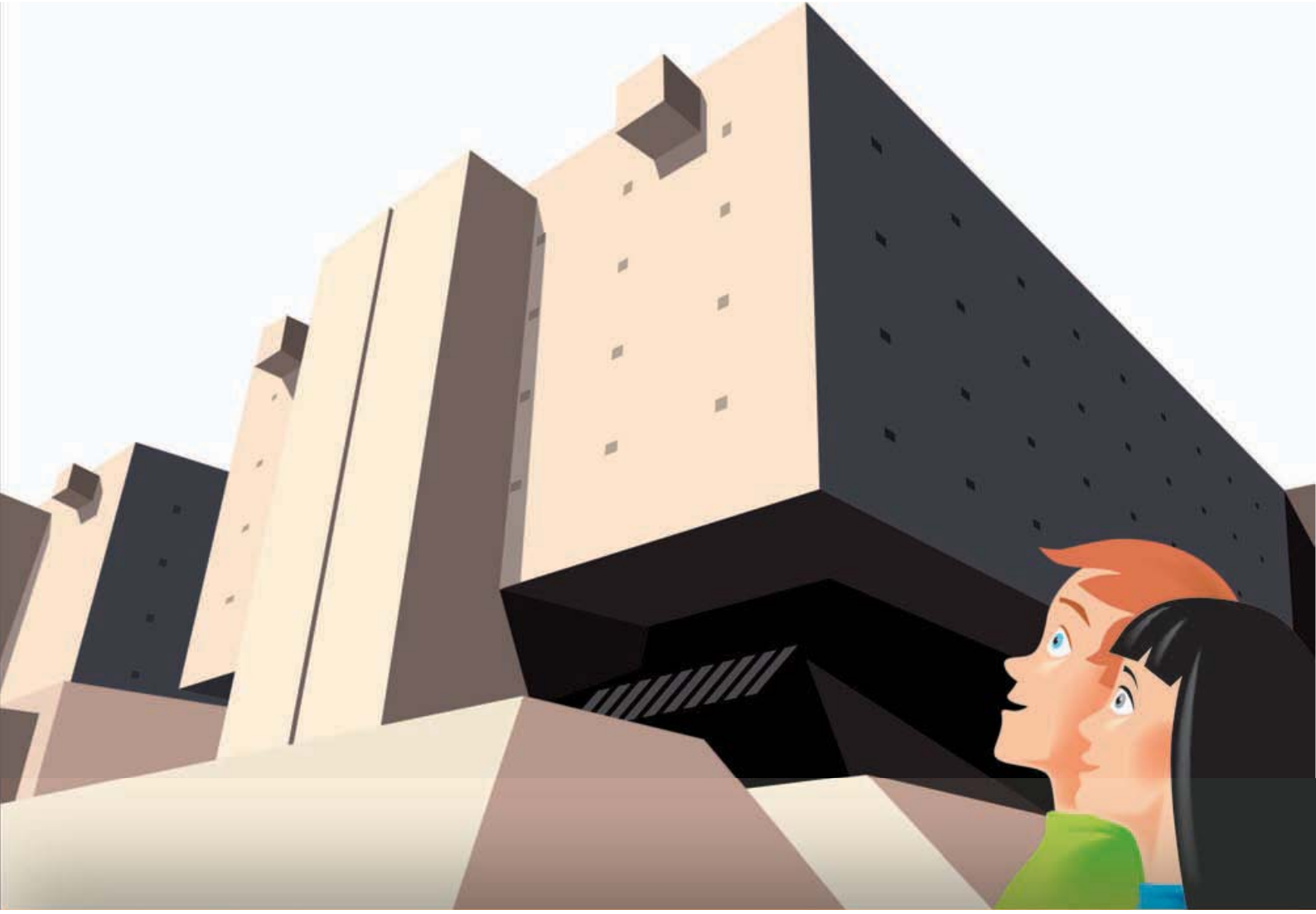


ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Guardar Memórias
Abrir Caminhos…

MINISTÉRIO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DE ARQUIVOS
TORRE DO TOMBO

bem-vindo à Torre do Tombo

A Torre do Tombo convida-te para uma viagem

Ao longo desta viagem ficarás a saber o que é a Torre do Tombo, qual a sua missão e o papel que representa como Casa da Memória.

Esta viagem é feita a partir de documentos, muitos documentos, que te mostrarão a relação entre a História da Torre do Tombo, a História de Portugal e a História de outros países e de outros povos com os quais Portugal se cruzou.

Esperamos que esta viagem te agrade.

Na tua bagagem só precisas trazer a curiosidade imprescindível a todo o bom viajante que parte à descoberta.

Esperamos proporcionar-te momentos de lazer… suscitar-te perguntas, muitas perguntas, que certamente te levarão a novas descobertas e a novas viagens…

Antes de darmos início à nossa viagem queremos explicar-te o que é um Arquivo.

Arquivo é um conjunto de documentos, em qualquer suporte – pergaminho, papel, digital…, produzidos, recebidos e conservados, por uma pessoa ou organização.

Guardam-se estes documentos para servirem de prova ou de informação. São eles que constituem a memória de uma pessoa, de uma família, de uma empresa ou de um País.

Mas Arquivo é também o edifício ou local onde se guardam os documentos.

O Arquivo Nacional de Portugal chama-se Torre do Tombo.

Ao longo da nossa viagem descobrirás o porquê deste nome.

E qual é a missão do Arquivo Nacional?

A sua missão é a de guardar, conservar e divulgar o Património Arquivístico Nacional, que constitui o suporte da nossa Memória Colectiva.

O edifício Torre do Tombo, ponto de partida e de chegada da nossa viagem, é o Arquivo Nacional. É um edifício que foi construído de raiz para o fim a que se destina. Inaugurado em Dezembro de 1990 é património nacional classificado.

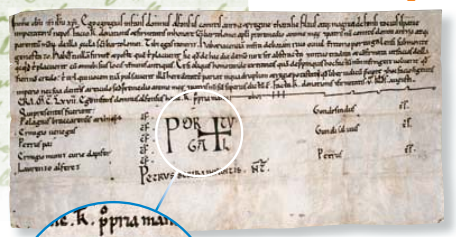
Tem 4 pisos de depósitos e 3 pisos de serviços que se dividem em duas áreas distintas: a área reservada e a área pública.

Queres conhecê-las? Acompanha-nos…

Como podes observar, estes circuitos são modernos. Tão modernos como o edifício. Mas como seria o Arquivo nos seus primórdios? Quando terão sido produzidos os primeiros documentos? Que documentos são esses? E como terão chegado até hoje? Queres saber?

Então, partamos à descoberta…

1


2

As origens do Arquivo

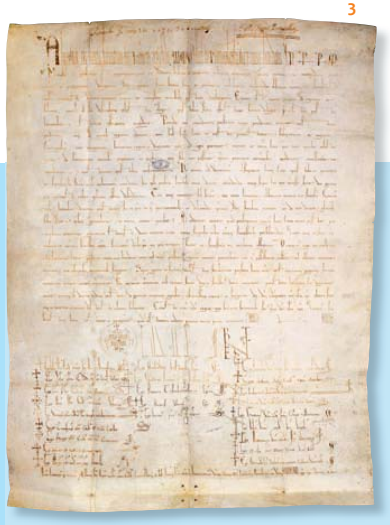
Este é o documento mais antigo que se guarda na Torre do Tombo. Data de 27 de Junho de 882, e é a carta de fundação de uma igreja, em Lardosa (Penafiel).

Como vês é muito anterior à existência de Portugal.

E este outro, de 28 de Julho de 1129, é o documento onde, pela primeira vez, se encontra registada a palavra Portugal.

Mas queres mesmo saber qual o documento que é considerado a Certidão de Nascimento de Portugal?

Aqui está: é a Bula Manifestis Probatum (1179).


3

Nota Histórica

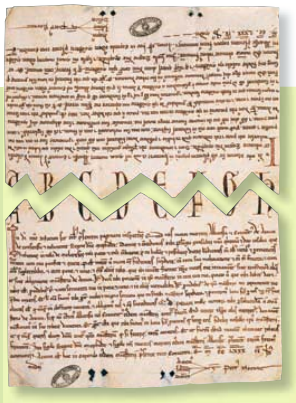
Afonso Henriques intitulava-se Rei de Portugal desde 1129.

Mas, o reconhecimento da independência do Condado Portucalense e de Afonso Henriques como rei de Portugal, por Afonso VII de Leão e Castela, deu-se na Conferência de Zamora em 1143. No entanto, o representante do Papa naquela Conferência chama-lhe apenas *dux portucalensis*. Ora, naquela época, em plena Idade Média, o Papa detinha grande autoridade sobre o poder dos reis, pelo que o seu reconhecimento era fundamental. Depois de longas negociações diplomáticas, surge finalmente a Bula Manifestis Probatum, de 23 de Maio de 1179, em que o Papa Alexandre III reconhece, de direito, a independência de Portugal e o título de Rei a D. Afonso Henriques, por ter ficado provado que os seus feitos o mereciam – *manifestis probatum*.

Sabias que…

- A Bula Manifestis Probatum é um dos tesouros da Torre do Tombo.
- A Torre do Tombo possui uma colecção de *Bulas* de significado relevante, concedidas a Portugal ao longo da sua História.
- *Bula* é um documento emitido pelo Papa, cujo nome deriva do formato em bola – em latim *bulla* – do selo que o autentica.

4


5

Curiosidades

A validação dos documentos

Como sabes, a assinatura é uma forma mundialmente reconhecida para validar os documentos.

Na Idade Média, período em que nos encontramos, havia processos de assinatura bem originais – um iletrado, assinava com uma cruz; outros desenhavam motivos relacionados com a sua actividade – caso do juiz que desenhava uma balança ou do ferreiro que desenhava uma bigorna*.

Outra forma de validação, utilizada muitas vezes em contratos de compra e venda, consistia em copiar o documento duas vezes, sendo as cópias separadas por um desenho que depois era cortado a meio: uma parte era entregue ao comprador e a outra ao vendedor. O documento não podia ser falsificado porque ambas as partes tinham que encaixar perfeitamente.

Bigorna – Ferramenta em ferro fundido, muito utilizada por ferreiros para moldar, através de pancadas fortes e constantes, ferramentas ou armas, aquecidas ao rubro.

De terra em terra… na arca burra

Até D. Afonso III, os reis de Portugal ocuparam-se da Reconquista.

D. Dinis iniciou a tarefa de povoar e administrar as terras conquistadas concedendo forais*. Dos documentos produzidos – contratos, doações, testamentos e outros, faziam-se cópias que eram depositadas nos cartórios dos Mosteiros, tais como no Mosteiro de Alcobaça e no de Santa Cruz de Coimbra, por serem considerados lugares seguros. Nesta época, a corte era itinerante*. O rei, nas suas deslocações, fazia-se acompanhar apenas dos documentos necessários ao expediente corrente, que eram transportados numa arca, com duas fechaduras, chamada *arca burra*.

6

Sabias que…

- A Torre do Tombo guarda um grande número de forais.
- O pergaminho foi o suporte da escrita utilizado na Idade Média até meados do Século XIV.
- O pergaminho era feito da pele de animais, principalmente do carneiro, depois de curtidas e branqueadas. Para escrever era usada uma pena de ave ou uma pena feita de cana.

Foral – É um contrato no qual o rei estabelece os direitos e deveres dos povoadores de um concelho.

Itinerante – Que se desloca; que viaja.

Curiosidades

Preços astronómicos!

Em 1269, um Bispo de Porto deixou em testamento, 50 maravedis ao tesoureiro do seu Cabido*, para que comprasse um Código de Leis e outros 50 maravedis* a um sobrinho para adquirir uma Colecção de Leis Canónicas*.

Se compararmos uma tabela de preços da época, chegamos à conclusão que cada um dos livros valia tanto como 17 bois ou 50 porcos ou ainda 200 carneiros.

Vê bem, o preço astronómico dos livros e a riqueza que representavam…

Maravedi – Uma antiga moeda de pequeno valor, usada na Península Ibérica e cunhada, a princípio, pelos mouros Almorávidas.

Cabido – agrupamento de cónegos ou de outros sacerdotes que asseguram o serviço religioso numa igreja catedral.

Canónicas – respeitante a preceitos ou leis da igreja.

Nota Histórica

D. Dinis (1279–1325) foi o primeiro rei letrado e também um rei trovador.

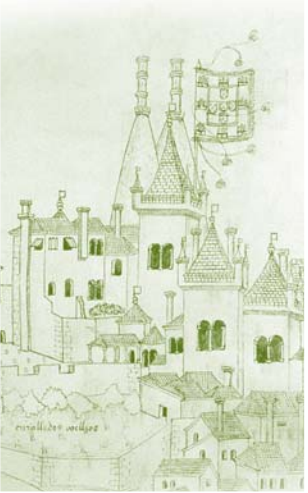
As nossas primeiras manifestações literárias, escritas em galaico-português, são as *cantigas de amor, de amigo* e *de escárnio* e *maldizer*. A esta poesia chamava-se poesia trovadoresca. Era cantada acompanhada por música executada por flauta ou por saltério.

Mas, mais do que um rei trovador, D. Dinis foi um rei culto e de grande visão política, o que o levou a pedir ao Papa, quando este decidiu extinguir a Ordem dos Templários, que a substituísse por uma nova Ordem Militar. O Papa acedeu, criando a Ordem de Cristo para a qual transitaram os bens da extinta Ordem dos Templários.

8

9

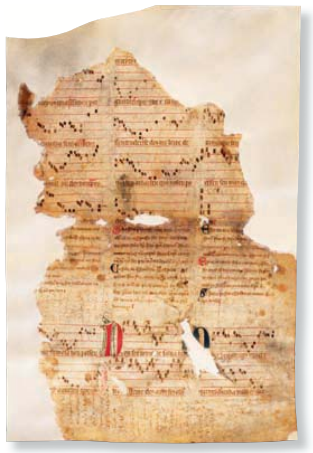
Tombo – Livro no qual se registavam as demarcações dos bens.



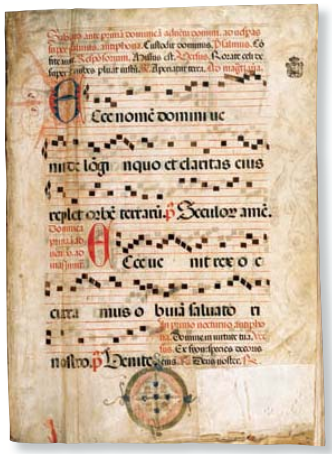
Sabias que…

- Vários fragmentos de cantigas do rei D. Dinis foram descobertos por um investigador, na Torre do Tombo, a servir de capa a um livro.
- A documentação relativa à Ordem dos Templários e à Ordem de Cristo encontra-se na Torre do Tombo.

10



11



O Arquivo Régio na Torre do Tombo

As muralhas dos castelos medievais tinham várias torres, sendo uma delas a mais alta e segura. Esta torre principal era a chamada *torre de menagem ou torre albarrã*. O Arquivo régio foi instalado na torre de menagem do Castelo de São Jorge no tempo d'el-rei D. Fernando. A torre passou a chamar-se do *tombo*, por ali se conservarem os Livros dos Tombos* da Coroa.

O responsável pela guarda do arquivo régio era o guarda-mor. Era ele que guardava, organizava, preservava os documentos e também exercia funções fiscais e judiciais. Dada a responsabilidade deste cargo, o rei escolhia uma pessoa da sua inteira confiança.

D. João I definiu assim o perfil que considerava adequado a um guarda-mor: *homem sério, de cultura, com conhecimentos do valor do tesouro que lhe era confiado*.

Para conheceres a acção de alguns dos mais ilustres guardas-mores da Torre do Tombo, vamos conversar com Fernão Lopes que durante 36 anos foi o *Guardador dos Tombos Reais*.

12

Acompanham-nos dois jovens repórteres, Matilde e Simão, apaixonados pelo jornalismo de investigação em tempos actuais e remotos…

À conversa com… Fernão Lopes

Matilde – Senhor guarda-mor… senhor cronista… não sei como prefere ser tratado. Que acha desta nova Torre do Tombo?

Fernão Lopes – Podeis tratar-me por Mestre Fernão, sem mais rodeios que não nasci homem nobre e embora tenha vindo a ser nobilitado, nunca me afeiçoei a títulos e panegíricos… quanto à vossa pergunta apraz-me ver que o novo edifício é seguro e espaçoso. E o mais importante: que se continua a tradição de bem cuidar das fontes da nossa história.

Simão – Mestre Fernão, fale-nos da Torre do Tombo do seu tempo.

13

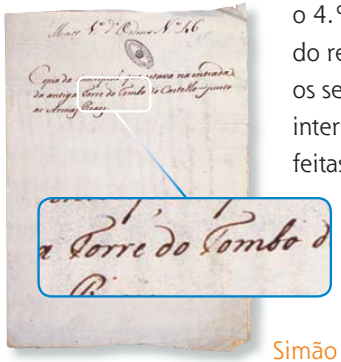
Fernão Lopes – Ficava situada na *Torre Albarrã ou Torre do Haver* no Castelo de S. Jorge por ser um lugar seguro. É com el-rei D. Fernando que o Real Arquivo se fixa em Lisboa.

Matilde – E por que razão Lisboa?

Fernão Lopes – Ora, além de bonita e aprazível, a cidade era um bom local para o comércio com os portos do Norte e do Sul da Europa. No seu porto, eram sempre muitas as embarcações para o comércio do vinho e do sal. Lisboa torna-se a principal cidade do reino e um importante burgo comercial. É preciso celebrar contratos, cobrar rendas, impostos…

Simão – A que se deve ter sido escolhido para guarda-mor?

14



Fernão Lopes – Tratava-se de um cargo recente – eu fui o 4.º nesse cargo – que era da absoluta e inteira confiança do rei. O guardador dos tombos era a pessoa que partilhava os segredos de Estado: a situação das finanças, dos tratados internacionais, dos testamentos, dos contratos, das doações feitas por el-rei a seus vassalos e muitos outros.

Simão – Tinha de estar acima de toda a suspeita.

Fernão Lopes – Absolutamente! Comecei por ser tabelião* e em 1418 fui nomeado guardador dos tombos por el-rei D. João.

Simão – E nunca mais parou. Mais tarde D. Duarte, encarrega-o de escrever as crónicas dos reis de Portugal…

Fernão Lopes – Missão que muito me honrou. Como homens de cultura e inteligentes que eram, sabiam dar valor à História quando me ordenaram *«poer em carónica a história dos reis que em Portugal foram»*. Outra utilidade de escrever uma crónica era evitar que os grandes senhores apresentassem

Tabelião – designação dada ao notário.

documentos falsos de doações, feitas em outros reinados, por vezes com datas em que aqueles reis já eram finados…

Matilde – E como conseguiu conciliar a sua função de guarda-mor e de cronista-mor?

Fernão Lopes – Da melhor maneira, cara donzela! Repare: tinha na Torre do Tombo acesso às fontes e na condição de cronista foi-me possível vasculhar em todos os cartórios e bibliotecas do Reino…

15

Simão – Os historiadores actuais consideram-no uma fonte privilegiada para o estudo da época.

Fernão Lopes – Pois folgo muito em saber que todo o meu esforço para apurar a certidão da verdade não tenha sido em vão…

Matilde – Quer contar-nos um pouco desse seu trabalho com as fontes para escrever as crónicas?

Fernão Lopes – Baseei-me em algumas crónicas e memórias que fui confrontando com actas e cartas das Chancelarias* e ainda inscrições tumulares e fui criticamente escolhendo a versão que me parecia mais verosímil. Digo-vos que as crónicas monásticas em que me baseei, tinham como fim justificar a pretensão dos monges às doações

Chancelaria – repartição onde se registavam e selavam os documentos oficiais.

de certos bens e terras, e até de atrair peregrinos engrandecendo seus milagres e relíquias. E ao lê-las era preciso ver para além desses propósitos…

Simão – As suas crónicas mais citadas são as de D. Fernando e de D. João. Porquê?

Fernão Lopes – Porque ainda me foi possível ouvir e falar com gentes que foram testemunhos directos da revolta popular que levou à aclamação do Mestre de Avis e dos que pelejaram em Aljubarrota…

Matilde – E no bairro de Alfama, onde morava, ainda se contava aos mais novos acontecimentos que aí tinham ocorrido?

Fernão Lopes – Oh, com certeza… as memórias da aclamação do Mestre como Regedor e Defensor do Reino, o entusiasmo da arraia-miúda* que bem sabia ser esse o caminho para manter a independência do reino, a cidade cercada pelo rei castelhano, com todas as privações de víveres e perigo de peste…

Simão – As páginas em que narra esses acontecimentos são de grande beleza e valor literário e ainda hoje nos são dadas a conhecer nas aulas de Língua Portuguesa.

Fernão Lopes – Ai, sim? Bem cuidei de transmitir toda a vivacidade que teve aquele movimento de gentes que acorreram ao Paço em socorro do meu saudoso el-rei D. João.

Simão – Mas quando se têm mais fontes de informação o trabalho não se torna mais fácil?

Fernão Lopes – Foram precisas longas vigílias e grandes trabalhos e muito revolver de livros tratados e crónicas condenando uns, aprovando outros, buscando rigor de datas e factos a que estava bem afeito no meu ofício de lidar com as Escrituras do Tombo.

Matilde – Mas essa é a atitude normal de qualquer pessoa que investiga.

Fernão Lopes – Mas digo-vos que naqueles tempos mais se escrevia para agradar e engrandecer aqueles que nos mandavam e pagavam as crónicas.

Arraia-miúda – Povo.

Assim cuidei de escrever logo no começo da Crónica de D. João que «nosso desejo foi em esta obra escrever verdade sem outra mistura, deixando nos bons sucessos todo o fingido louvor e nuamente mostrar ao povo quaisquer cousas desfavoráveis, da maneira que avieram».

Simão – Mestre Fernão Lopes, agradecemos-lhe esta entrevista. Quer deixar aos jovens de hoje alguma mensagem?

Fernão Lopes – A vós, jovens, vos recomendo fazerem sempre juízo crítico do que ouvem ou lêem pois que só a verdade é capaz de resistir ao tempo!

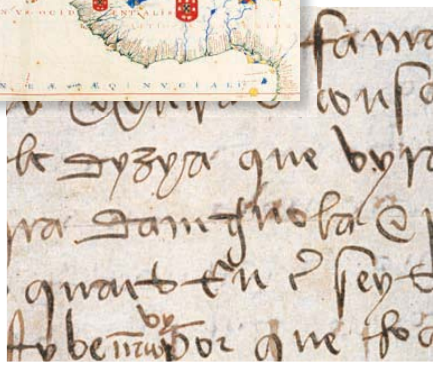
E depois desta conversa com Fernão Lopes… o tempo vai passando.

Avançamos a passos de gigante para a Idade Moderna.

Já estamos em plena época dos Descobrimentos… e tanto que há a descobrir… e tantas aventuras!!!

16

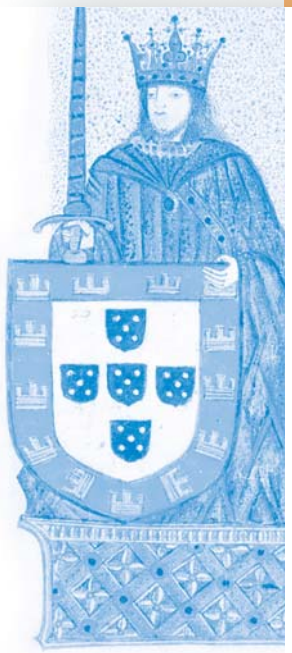
17



No tempo dos Descobrimentos…

D. João II (1481–1495) ao assumir o governo do reino, toma directamente nas suas mãos a política da expansão marítima e traça como objectivo a descoberta do caminho marítimo para a Índia. As caravelas avançam por esses mares firmando a presença portuguesa na costa ocidental africana. Dois momentos marcantes deste percurso: Diogo Cão atinge a Foz do Rio Zaire (norte de Angola)

18



e Bartolomeu Dias consegue *dobrar o Cabo das Tormentas,* isto é, *descobrir* a passagem do Oceano Atlântico para o Oceano Índico. Essa descoberta é fundamental para se chegar à Índia por mar. Mas as caravelas avançam também noutras direcções… e descobrem novos Mundos, que D. João II prefere manter em sigilo.

Um Tratado para dividir o Mundo…

19

O Tratado de Tordesilhas faz a partilha do mundo entre os dois países ibéricos. É assinado a 7 de Junho de 1494, na cidade espanhola de Tordesilhas com a intervenção do Papa. Esta partilha é feita segundo uma linha imaginária – meridiano – que passava 370 léguas a ocidente do arquipélago de Cabo Verde. Todas as terras localizadas a ocidente dessa linha seriam para os castelhanos; todas as que se localizassem para oriente seriam para os portugueses. D. João II garantia assim, para Portugal, a posse de todas as terras já oficialmente descobertas e ainda das que se viessem a descobrir, como o Brasil.

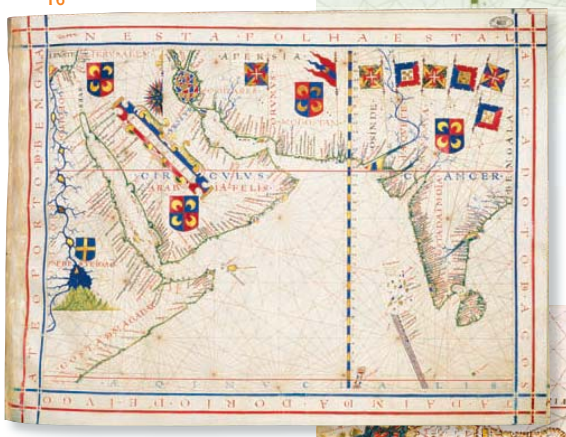
Sabias que…

- O Cabo das Tormentas passou a chamar-se Cabo da Boa Esperança após a passagem de Bartolomeu Dias.
- Os barcos espanhóis podiam atravessar os mares portugueses para aceder às suas terras e vice-versa.

Curiosidades

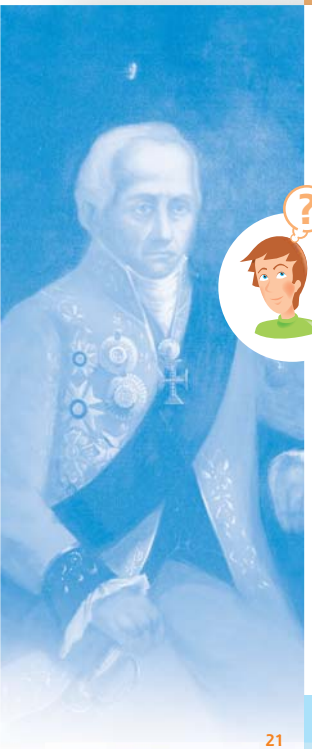
Os outros países europeus, também com interesses marítimos – Itália, França, Holanda, Inglaterra – não gostaram de saber que Portugal e Castela haviam partilhado o mundo entre ambos. Diz-se que, ao tomar conhecimento do Tratado de Tordesilhas, o rei de França, Francisco I, teria escrito ao Papa manifestando o desejo de conhecer o testamento de Adão que o excluía da partilha do mundo, deixando esta herança apenas a Portugal e Espanha.

Novos mundos, novas gentes, novos céus…


16

Novos Mundos – Cartografia

As navegações portuguesas trazem a necessidade de localizar e identificar as terras descobertas. Foi assim que, a par de gerações de navegadores, nasceram gerações de cartógrafos. Os primeiros mapas utilizados na Europa eram as chamadas *Cartas Portulano* – séculos XIII e XIV – e começaram por representar a costa mediterrânica, depois a costa atlântica da Europa e, a partir do século XV, com o avanço das descobertas portuguesas pelo Atlântico, a costa africana. As *Cartas Portulano* destinavam-se à navegação costeira, pelo que representavam com a maior precisão possível os acidentes do litoral, os rios e os portos. Com o aperfeiçoamento da cartografia, as *Cartas Portulano* deram origem às chamadas *Cartas de Marear* ou *Cartas Náuticas*, onde estavam desenhadas

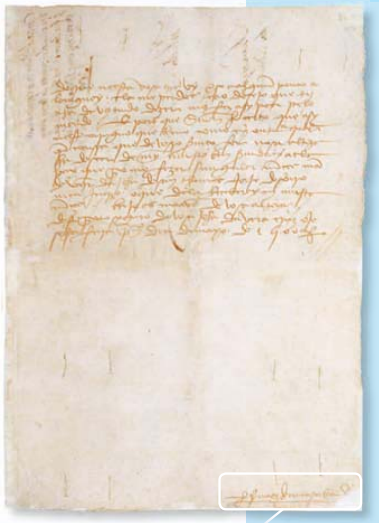


rosas-dos-ventos e várias linhas de rumo que serviam para orientação dos marinheiros.

Sabias que…

- A ciência que estuda as cartas geográficas e náuticas chama-se Cartografia e deve o seu nome ao 2.º Visconde de Santarém que também foi guarda-mor da Torre do Tombo.
- A Torre do Tombo possui alguns dos mais antigos e dos mais belos exemplares da cartografia portuguesa.
- Lisboa tornou-se o grande centro de conhecimento geográfico e cartográfico dessa época.

21



Nota Histórica

Novas Gentes…

A *Carta do achamento desta vossa terra nova* escrita por Pêro Vaz de Caminha, que integrava a frota de Pedro Álvares Cabral, dá notícias ao rei D. Manuel da descoberta da Terra de Vera Cruz – Brasil. Este documento é considerado pelos brasileiros como a *Certidão de Nascimento* daquele País, por ser o primeiro registo que descreve a terra e as gentes que a habitavam. É um documento de grande riqueza histórica e literária. Caminha descreve as gentes, a paisagem, a alimentação, o vestuário, a fauna e as peripécias que marcaram este primeiro contacto entre portugueses e índios tupiniquins – povos que se desconheciam.

Sabias que…

- A Carta de Pêro Vaz de Caminha faz parte do Registo Memória do Mundo desde Junho de 2005. Foi o primeiro documento português a figurar neste registo.
- O Tratado de Tordesilhas também foi classificado no registo Memória do Mundo em Junho de 2007.

22

Curiosidades

Memória do Mundo é um programa, iniciado em 1992, pela UNESCO e pretende contribuir para a preservação e conhecimento da herança intelectual da Humanidade conservada em arquivos e bibliotecas.

23

Novos Céus…

Da mesma viagem de Pedro Álvares Cabral chegou até nós esta carta do cosmógrafo Mestre João, dirigida também ao rei D. Manuel. Traça as constelações do hemisfério sul, representando uma constelação com a designação de *Cruz*, ou seja o *Cruzeiro do Sul*.

24

25

26

O Real Arquivo da Torre do Tombo e a Leitura Nova

A acumulação de documentação na Torre do Tombo era grande e nem sempre se apresentava nas melhores condições de organização e preservação. D. Manuel, ao tomar conhecimento desta situação, ordena ao guarda-mor Rui de Pina que copie os documentos mais importantes existentes na Torre do Tombo, com o objectivo de os preservar e facilitar a sua leitura. D. Manuel manda organizar os livros por assuntos gerais e cada um dos livros por assuntos específicos. São 61 livros manuscritos em pergaminho, com letra gótica, em português da época e decorados com iluminuras que retratam o Portugal dos Descobrimentos. Esta colecção tem o nome de *Leitura Nova* e constitui um conjunto notável da iluminura portuguesa.

Sabias que…

- A Leitura Nova é mais um dos tesouros conservados na Torre do Tombo que chegou até nós em excelentes condições.
- A iluminura é uma arte, que deriva do latim *illuminatio* e resulta da utilização de cores vivas com destaque para o azul, vermelho, amarelo e ouro. Era este metal que dava às iluminuras um carácter sumptuoso. Aplicava-se sob a forma líquida com um pincel.

Mas ninguém melhor do que Damião de Góis, um dos mais ilustres representantes do Humanismo português e guarda-mor da Torre do Tombo durante os reinados de D. João III e de D. Sebastião, para te falar do trabalho ali desenvolvido.

Para conduzir esta entrevista, Matilde e Simão, os nossos jovens especialistas em jornalismo de investigação.

À conversa com… Damião de Góis

Simão – Senhor Damião de Góis, o senhor foi músico, economista, diplomata, escritor, professor, cronista. Não eram actividades a mais?

Damião de Góis – Meus jovens amigos, para a época em que vivi, o Renascimento, e para um Humanista como eu, todas as áreas do saber nos interessavam. Éramos profundos conhecedores dos clássicos gregos e latinos, mas tínhamos também uma enorme curiosidade científica.

Matilde – Em que ciências, por exemplo?

Damião de Góis – A geografia, a matemática, a medicina, a botânica, tudo enfim… naquela época as descobertas de novas terras abriam-nos um mundo vasto de experiências que nos levavam a contrariar os conhecimentos antigos e a alargar os nossos horizontes.

Erasmo (1467?–1536)
Nasceu em Roterdão, na Holanda. Grande mestre do Humanismo europeu dedicou toda a sua vida ao estudo e à reflexão. Defendia uma profunda reforma da moral e dos costumes em toda a sociedade.

Lutero (1483-1536) – Foi um monge alemão que se recusou a aceitar a autoridade do Papa para vender o perdão dos pecados aos fiéis, através de bulas. Excomungado por Roma, fundou uma nova Igreja que se desligou da obediência ao Papa. Empenhou-se na tradução da Bíblia do latim para o alemão para que os fiéis conhecessem directamente a palavra de Deus.

Matilde – Tal como dizia o nosso ilustre cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira «A experiência é a madre de todas as cousas. Por ela sabemos a verdade».

Damião de Góis – Assim era. E lembro-vos que foi pela experiência que, em 1522, Fernão de Magalhães prova definitivamente que a terra é redonda. Além disso, havia o contacto com outras culturas, outros povos e outras religiões. O conhecimento de novas plantas e animais.

Simão – E a descoberta da imprensa também teve um papel importante, não é verdade? Poder-se-á dizer que a revolução de Guttenberg está para a época como para nós actualmente a Internet…

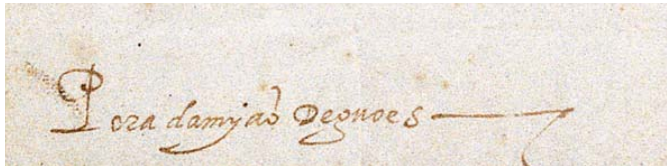
Damião de Góis – Importantíssimo! Com ela os livros deixaram de ser um objecto de luxo, restrito aos poucos e mui abastados letrados que os pudessem adquirir. A circulação e a divulgação das ideias estavam agora mais facilitadas. Acresce ainda que naquela época se escrevia cada vez mais nas línguas nacionais. Surgem as primeiras gramáticas. Enfim, o acesso à cultura estava muito facilitado.

Matilde – Fale-nos agora da sua experiência enquanto guarda-mor da Torre do Tombo. Como é que chegou a este cargo?

Damião de Góis – El-rei D. João III já me chamara do estrangeiro para me propor o cargo de tesoureiro da Casa da Índia, um cargo de muita confiança pois por ali passavam todas as riquezas que chegavam a Portugal: ouro, prata, pedras preciosas, especiarias… mas recusei.

Simão – E porquê?

Damião de Góis – Eu tinha partido para a Flandres em 1523, para ali exercer a profissão de escrivão da Feitoria Portuguesa de Antuérpia. Era então um jovem de 21 anos que teve a possibilidade de viajar. Conheci a Polónia, a Alemanha, a Lituânia, a Dinamarca. Fiz amizade com Erasmo*, com Lutero* e tantos outros.



Simão – Não há dúvida… conhecer novas terras, novas gentes, novas maneiras de sentir e de pensar também faz parte dos meus projectos…

Damião de Góis – E olhe, meu amigo, esse é o melhor enriquecimento. E assim pedi a el-rei que me permitisse continuar a estudar.

Matilde – E D. João III consentiu?

Damião de Góis – O rei também estava empenhado no desenvolvimento das Humanidades e tinha concedido bolsas para estudantes portugueses em Paris, pelo que me autorizou a continuar na Europa. Estudei em Pádua, em Lovaina e fui professor universitário em Paris. Entretanto, casei com Joana von Haagen, uma senhora nobre flamenga de quem tive oito filhos.

Matilde – E quando regressa a Portugal?

Damião de Góis – Em 1545 D. João III volta a chamar-me, desta vez, para educador do príncipe herdeiro.

Simão – Mas que eu saiba… não chegou a sê-lo…

Damião de Góis – Não, porque a Inquisição levantou suspeitas sobre a minha pessoa, pelas amizades que fizera com Humanistas europeus. Ter uma mentalidade aberta e pensar pela própria cabeça tornava-se suspeito para os Inquisidores. O rei cedeu a essas pressões mas nomeou-me guarda-mor porque à data, Fernão de Pina, que ocupava esse cargo, estava preso pela Inquisição e veio a ser condenado. Mas, voltemos ao meu trabalho na Torre do Tombo. Havia muito a fazer…

Matilde – Por exemplo…

Damião de Góis – Tínhamos de fazer todas as certidões, quer para o serviço do rei, quer para os particulares. O rei também me encarregou de fazer um inventário de Bulas e Breves.

27

27

28

Dei continuidade e concluí os trabalhos da Leitura Nova em que havia muito ainda a fazer para bem do património da Coroa, do Reino, dos seus vassalos e desta própria Torre do Tombo. Fiz notar a el-rei a necessidade de virem para a Torre do Tombo documentos que membros da Casa Real tinham em seu poder e que aqui deveriam estar. E assim deram entrada mais 60 caixas de documentos.

Simão – E também foi cronista-mor?

Damião de Góis – Cronista só durante dez anos. O primeiro trabalho como cronista foi a Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel e a Crónica do Príncipe D. João. Escrevi também o Livro de Linhagens*.

Matilde – Livro esse que viria a desaparecer misteriosamente, por volta de 1632, da Torre do Tombo, sem que nunca se chegassem a apurar responsabilidades.

Damião de Góis – Infelizmente não me surpreende. Já na altura alguns nobres não ficaram nada agradados com o rigor com que tratei certas ocorrências… naquela época a limpeza de sangue*, as heranças, saber quem era legítimo ou bastardo era o que contava… já podem imaginar as pressões a que um guarda-mor e um cronista estava sujeito.

Simão – Sabemos que também teve obras censuradas pela Inquisição…

Damião de Góis – Fui obrigado a fazer cortes e emendas na Crónica de D. Manuel. O meu livro sobre a vida e os costumes dos Etíopes foi simplesmente proibido em Portugal…

Matilde – Fale-nos da sua condenação pelo Tribunal da Inquisição.

Damião de Góis – Oh, esse foi o capítulo mais dramático e infeliz de toda a minha vida… à medida que os anos iam passando o Reino fechava-se e seguia os caminhos da intolerância…

Simão – Mas admira que um homem tão conhecido e reconhecido no estrangeiro e a quem D. João III confiou missões diplomáticas e cargos de confiança, um homem que recebeu mercês e privilégios pelos seus bons serviços, tenha caído em desgraça…

Damião de Góis – Pois fui surpreendido pelo processo da Inquisição quando estava a exercer o cargo de guarda-mor. Havia sido acusado de Luteranismo por Simão Rodrigues, um padre Jesuíta que tinha conhecido em Pádua quando aí estudáramos na nossa juventude. Mas esta acusação, além de ser infundada não foi avante pois na altura ainda era vivo D. João III que me conhecia bem e me protegeu. Vinte e cinco anos mais tarde, reinava então D. Sebastião, fui preso e interrogado durante longos meses. Só não me condenaram à morte por temerem o escândalo no estrangeiro. Mas confiscaram-me os bens e fui condenado a residência fixa.

29

Simão – Mas o senhor tinha convivido igualmente com Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, e que se distinguiu no combate às ideias da Reforma…

Damião de Góis – Esse seria um bom argumento se realmente fosse a minha fé que estivesse em causa nesse Tribunal. Mas, uma vez mais, e como aconteceu com tantos outros condenados e perseguidos pela Inquisição, o móbil era a inveja e a confiscação dos bens do condenado.

Matilde – Mas acha, apesar desse fim trágico, que valeu a pena ter vivido?

Damião de Góis – Quando sei que hoje se defendem valores como a liberdade, a tolerância e o acesso a todo o conhecimento, sinto orgulho em ter pertencido a essa geração de Humanistas. Com muito sofrimento, é certo.

30

Livro de Linhagens
Obras onde se descreve a genealogia das famílias nobres do Reino.

Limpeza de Sangue
Para aceder a cargos religiosos ou da administração régia, o candidato tinha de fazer prova que não possuia sangue mouro ou judeu.

«E a vós jovens vos digo: só o amor à liberdade de pensamento, à tolerância e ao espírito crítico podem evitar tempos como os da Inquisição»

E a vós jovens vos digo: só o amor à liberdade de pensamento, à tolerância e ao espírito crítico podem evitar tempos como os da Inquisição. Ao instalar o medo fez murchar o Humanismo nascente censurando, perseguindo e condenando cientistas e banqueiros, homens de leis e homens de letras que morreram ou que fugiram do país sempre que puderam. Mas, apesar de todas as adversidades que a História nos haveria de infligir, afirmo e reafirmo que valeu a pena ter vivido.

Espero que tenhas gostado de estar à conversa com Damião de Góis. Para nós foi uma honra que este Humanista nos tenha concedido esta entrevista.

Sabias que…

- A Inquisição durou de 1536 a 1821.
- A sua documentação, constituída por mais de 36.000 processos, permite um estudo dos aspectos económicos, sociais, políticos, culturais e religiosos de três séculos da nossa História.

Na nossa viagem vamos agora atravessar os tempos difíceis que se seguiram à morte de D. Sebastião.

Presta atenção…

Como Filipe I elogia o Real Arquivo Português

Com a morte de D. Sebastião em Álcacer Quibir, em 1578, Portugal fica a braços com uma grave crise sucessória. O rei não deixa descendência directa. O trono acaba por ser ocupado por Filipe II de Espanha, um dos vários candidatos que a ele tinha direito. Com este rei, dá-se início a um período de 60 anos de União Ibérica. Filipe I de Portugal, II de Espanha,

31

32

32

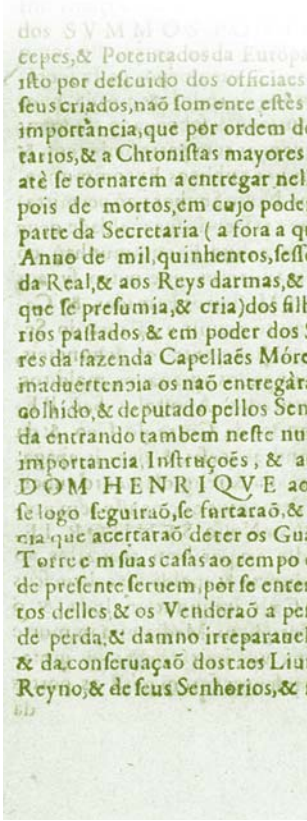
depois de conhecer a Torre do Tombo reconhece-lhe uma excelente organização e apresenta-a como modelo para o seu *Real Archivo de Simancas*.

Mas, ao longo dos 60 anos de União Ibérica, o Real Arquivo perde importância e prestígio, como podes verificar pelo texto que se transcreve:

«Estava em grande desconcerto e perdição […] Os livros da Casa da Índia, livros da chancelaria del rei dom João o 3.º em pedaços comidos pelos ratos e gastados do lixo […] e outros papéis de importância; todos soterrados de baixo do lixo, maes de um palmo de alto, cousa piedoza, que com muitos trabalhos se tiraruão, e estauão ainda em cima delles os cauacos de quando fizerão os almarios.[…] Faltão vinte e tantos cofres e caixas encoiradas, que estauão cheos de papeis, consta de hum pedaço de inventário feito e assinado por Damião de Goês goarda mor, que foi deste Archivo […] Estão muitos livros desencadernados, sem capas, arriscando-se a se perderem de todo. […] Tenho grande sentimento de ver o danificamento deste Archivo porque me criei nelle, e porque o meu próprio génio e inclinação são cartórios, e papeis, humanidades e antiguidades e assi antes que morra desejo vello recuperado.»

Jorge da Cunha (funcionário da Torre do Tombo, 1631)

Excomunhão – é um castigo em que um católico é excluído da sociedade.



Mas, é preciso ultrapassar obstáculos, saltar barreiras.

Convidamos-te a saltar connosco até ao século XVIII, o Século das Luzes.

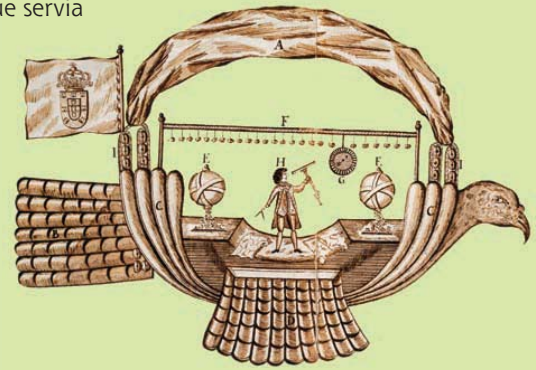
Século XVIII – Século das Luzes

Nesta época, a Europa é dominada por um movimento que acredita nas capacidades do Homem iluminado pelas Luzes da Razão. Eis porque a este século se chama o *Século das Luzes* e aos seus seguidores *Iluministas*.

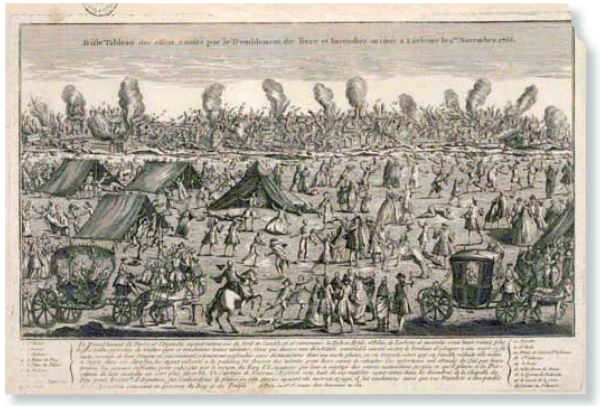
Em Portugal este movimento teve os seus momentos altos com os reinados de D. João V, D. José e D. Maria I que, influenciados pelos *estrangeirados*, reformaram o ensino primário e secundário, a Universidade e criaram Colégios e Academias.

Curiosidades

Em Agosto de 1709, o Padre Bartolomeu de Gusmão apresenta perante D. João V e a sua Corte, um balão que se ergue a 4 ou 5 metros do chão. A fim de não lhe tirarem a primazia deste invento, Bartolomeu de Gusmão cria o desenho da *Passarola*, uma máquina em forma de ave que, de modo algum, correspondia ao engenho que criara, mas que servia para desviar as atenções… poderás ver este desenho na documentação da Torre do Tombo.



33



Mas, a segunda metade do século XVIII foi marcada por um acontecimento dramático que teve lugar em 1755. Estamos a referir-nos ao terramoto que destruiu a cidade de Lisboa. Também a Torre do Tombo tremeu e desabou. Por sorte não sofreu nenhum incêndio como muitos outros locais da cidade.

Para te falar deste acontecimento, ninguém melhor do que o guarda-mor da época, Manuel da Maia (1677–1768) que se deu a conhecer, na Torre do Tombo, aos nossos jovens repórteres.

À conversa com Manuel da Maia

Manuel da Maia – Ora muito boas tardes meus jovens amigos… sois desta época, pelo que me é dado ver da vossa indumentária.

Simão – Sim, somos… e o senhor quem é?

Manuel da Maia – Manuel da Maia, general e engenheiro-mor de Sua Alteza Real, o Senhor D. José, que me nomeou também guarda-mor do Real Arquivo da Torre do Tombo. De tempos a tempos tenho o privilégio de voltar ao meu saudoso Arquivo, agora que encontrou uma acomodação definitiva e digna.

Matilde – Ah! Então o senhor é o guarda-mor, Manuel da Maia… desculpe, mas não nos lembramos de si…

Manuel da Maia – Eu sou mais lembrado pelo meu envolvimento nos planos do Aqueduto das Águas Livres e da reconstrução da Baixa de Lisboa, a seguir ao terramoto…

Matilde – Ah…! Sim, isso já estudámos na aula de História.

Manuel da Maia – Quando tomei posse deste Real Arquivo, observei a necessidade de reformas tanto materiais como de organização…

Matilde – Onde estava então instalado o Arquivo?

Manuel da Maia – Estava ainda na Torre do Haver do Castelo de S. Jorge! Ao fim de tantos anos encontrava-se muito necessitado de obras. Mas os meus pedidos a el-rei não chegaram a ser atendidos porque, naquele fatídico dia 1 de Novembro de 1755, quando a terra e o mar quase engoliram a cidade…

Simão – Está a referir-se ao Terramoto?

Manuel da Maia – Sim, sim, estou. O Real Arquivo da Torre do Tombo ficou soterrado nas suas próprias ruínas, felizmente, livre dos incêndios que fizeram os maiores estragos em tantos lugares da cidade.

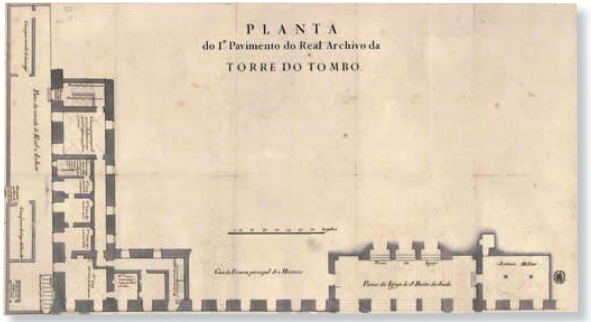
Matilde – Então ficaram os documentos todos debaixo do entulho? Como é que os conseguiram recuperar? Perderam-se muitos?

Manuel da Maia – Construiu-se logo, na Praça de Armas do Castelo, uma «barraca» de madeira com duas casas, que depois se circundou de grossas paredes e aonde iam sendo depositados os livros e mais documentos encontrados nas ruínas. Perderam-se alguns, é certo… demos por falta de 38 livros da Chancelaria de el-rei D. Afonso V, pelo que foi necessário remexer outra vez as ruínas para se encontrarem. Alguns até muito distantes! É certo que aquelas acomodações não eram as mais convenientes. Por isso tentei desde logo procurar outras, para colocar o Arquivo em segurança.

Matilde – Mas não encontrou…

Manuel da Maia – Encontrei, no Convento de S. Bento da Saúde. Consultei el-rei que concordou em tudo, até com o pagamento anual de 480$ mil réis que se havia de fazer aos frades.

35



Simão – Lá tiveram que mudar tudo outra vez…

Manuel da Maia – Pois trasladou-se o Real Arquivo da Praça de Armas do Castelo de S. Jorge, para o Convento de S. Bento da Saúde, a 26 e 27 de Agosto daquele ano de 1757, em carroças…

Matilde – Foi então graças ao senhor que se salvou o Arquivo da destruição do terramoto.

Manuel da Maia – Eu apenas exerci o cargo que el-rei me confiou. Mas muito trabalho havia ainda por fazer. Desde logo, se principiou a fazer a separação dos documentos que se achavam em desordem e a dar expedição às certidões que muita gente solicitava.

Matilde – Como o espaço era diferente teve que organizar todos os documentos de outra forma, não?

Manuel da Maia – Não foi por causa do espaço ser diferente, mas porque observei a necessidade de organizar os documentos e fui formando um conjunto de regras que me pareceram as mais adequadas.

Matilde – Que regras foram essas?

Manuel da Maia – Tomei a decisão de reorganizar os índices existentes por ordem alfabética e mandar que se fizesse o mesmo aos livros e maços de documentos que não estavam ainda organizados. Organizei Corpos de Colecção por ordem cronológica e procurei também criar formulários para que o trabalho se fizesse sempre com o mesmo método.

Simão – Genial! Então com toda essa organização tornou-se muito mais fácil encontrar os documentos quando eram necessários. Deve ter orgulho de ter feito coisas tão inovadoras!

Manuel da Maia – Não posso dizer que não sinta algum orgulho. Quando me passeio pelos corredores deste tão grande edifício e vejo, nos armários, os índices das Chancelarias por mim feitos, ainda a serem utilizados… só não sei para que servem estas máquinas…

Simão – O quê, os computadores? Venha daí connosco que disso sabemos nós…

Sabias que…

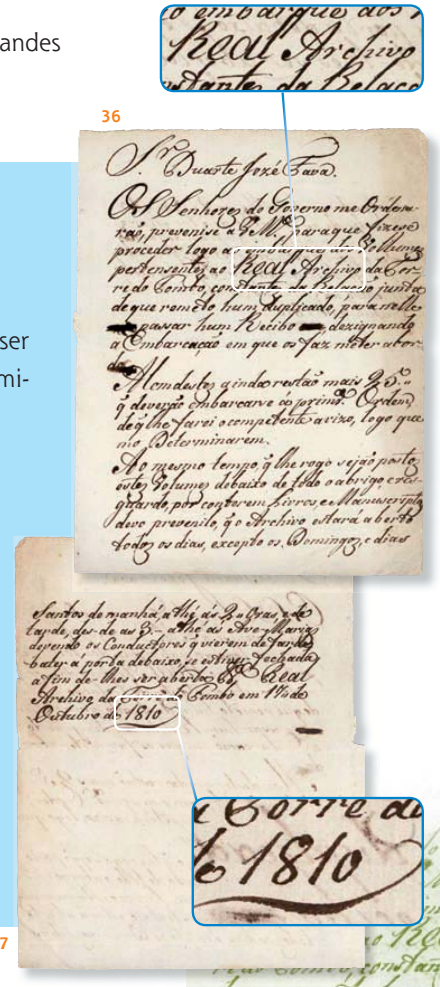
- Os índices produzidos por Manuel da Maia ainda hoje são utilizados pelos leitores da Torre do Tombo. Alguns são ainda os únicos instrumentos de descrição dos documentos. Outros foram informatizados.
- O Corpo Cronológico é uma colecção formada por Manuel da Maia que reúne 83.000 documentos em papel e pergaminho, dos séculos XII ao XVII. Esta colecção também faz parte do Registo Memória do Mundo, desde Junho de 2007.

Defender o território… defender a memória…

Entramos agora no século XIX. Um século de grandes mudanças, como vais poder observar.

Nota Histórica

A Revolução Francesa de 1789 marca o início do fim das monarquias absolutistas na Europa. Portugal sofre os efeitos daquela Revolução ao ser alvo da ambição napoleónica que pretende dominar a Europa. Entre 1807 e 1811, Portugal é invadido 3 vezes pelas tropas francesas.
A primeira invasão, comandada pelo general Junot, dirige-se a Lisboa. Para não ser pressionada pelas tropas francesas, a Família Real e a Corte – num total de 15.000 pessoas – partem para o Brasil, então colónia. Com eles embarcam jóias, móveis, louças, tapeçarias, livros, incluindo grande parte da Biblioteca Real, e uma pequena parte do Real Arquivo. Ao todo foram 15 navios de guerra e 20 navios mercantes que se fizeram ao Oceano rumo ao Brasil…



O Real Arquivo e as invasões

Durante as invasões, as tropas francesas fizeram muitas pilhagens e destruíram património. Também os arquivos estiveram em perigo. Era preciso salvar a Memória. Sentiu-se pois a necessidade de preparar a saída dos documentos do Real Arquivo para o Rio de Janeiro. Mas eram tantas as questões

colocadas… que documentos deveriam ser seleccionados? Seria arriscado submeter todo o acervo aos perigos do mar? E se a viagem por mar os deteriorasse completamente? Mas se fossem para o Brasil não fariam cá falta? Obedecendo às ordens dos Governadores do Reino, que representavam a autoridade real, fez-se a selecção dos documentos a embarcar, num total de 45 caixotes. No entanto, afastado o perigo invasor em 1811, o Real Arquivo nunca se chegou a fazer ao mar…

38

Sabias que…

- A Bíblia dos Jerónimos foi roubada, por Junot, durante a primeira invasão francesa e levada para França. Mais tarde foi resgatada pelo Governo Português e devolvida aos Monges Jerónimos de Belém.
- Depois da extinção das Ordens Religiosas foi incorporada na Torre do Tombo, sendo hoje um dos seus tesouros.
- Foram precisas mais de 1530 ovelhas para obter o pergaminho necessário para os seus 3060 fólios*, repartidos por 7 volumes.

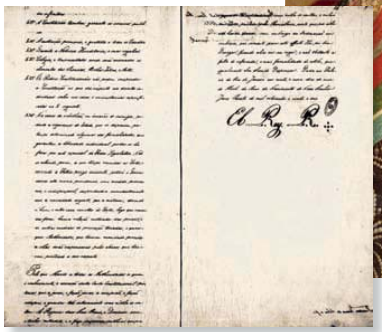
Fólio – As duas páginas de uma folha.

Portugal e o Liberalismo

Em Agosto de 1820, rebenta no Porto uma revolução que rapidamente alastra a todo o país – a Revolução Liberal.

Em consequência, é criado um governo provisório e preparam-se eleições. Os primeiros deputados eleitos formaram as Cortes Constituintes. A sua principal função foi redigir a primeira Constituição Portuguesa – a Constituição de 1822, jurada por D. João VI. A Constituição põe fim à monarquia absoluta, dando lugar a uma monarquia liberal. Terminam os privilégios centenários do clero e da nobreza. Sucedem-se profundas reformas sociais.

39



Com o Liberalismo nasce a ideia de um Arquivo Nacional

A Torre do Tombo vai-se tornando num verdadeiro Arquivo Nacional. O Regulamento de 30 de Abril de 1823 estabelece como funções: *a guarda, arrecadação, arranjo e serviço interno de arquivo* e ainda *arranjar os documentos e papéis das repartições extintas.*

Esta tarefa foi muito difícil… impossível mesmo. As suas instalações não ofereciam condições nem para incorporar nem para conservar condignamente a documentação ali existente. Como se pode ler no Relatório do Conselho Superior de Instrução Pública *[…] o estado em que se acha o Arquivo da Torre do Tombo não permite demora nas providências necessárias para acudir à ruína eminente […] o remédio verdadeiro e eficaz consiste em se transferir o Archivo Nacional para um edifício expressamente construído para ele.*

40

Sabias que…

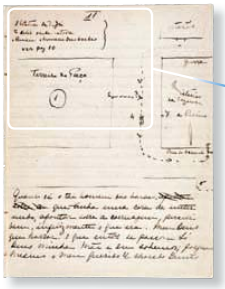
- O Liberalismo extingue muitas instituições do Antigo Regime, entre as quais, a Inquisição, a Mesa da Consciência e Ordens e as Ordens Religiosas, todas com mais de 300 anos de existência. O Governo Liberal determinou que a documentação destas instituições fosse incorporada* na Torre do Tombo.

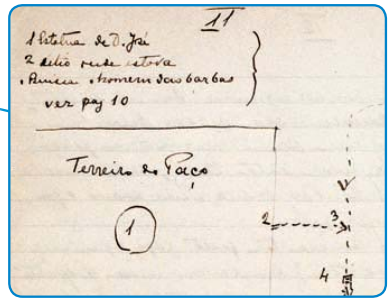
O Arquivo Nacional no século XX

Da Monarquia… à República

Eis-nos chegados ao século XX, mais uma etapa na nossa viagem.

40





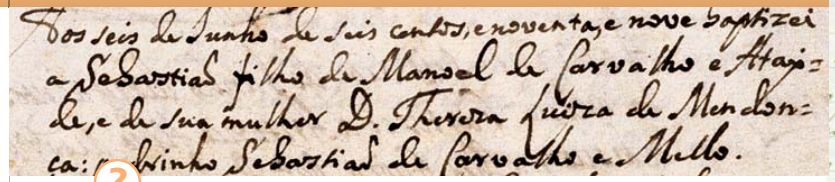
Nota histórica

No final do século XIX a monarquia constitucional perde prestígio devido ao fracasso das medidas económicas e sociais, à crise política e ao surto das ideias republicanas.

O regicídio*, ocorrido a 1 de Fevereiro de 1908, no Terreiro do Paço assassina não só o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe, mas também a própria monarquia. Estão criadas as condições para a implantação da República a 5 de Outubro de 1910. Em 1911 é aprovada a 1.ª Constituição Republicana Portuguesa.

Incorporar – *passar a fazer parte de…*

Regicídio
É o assassínio de um rei.

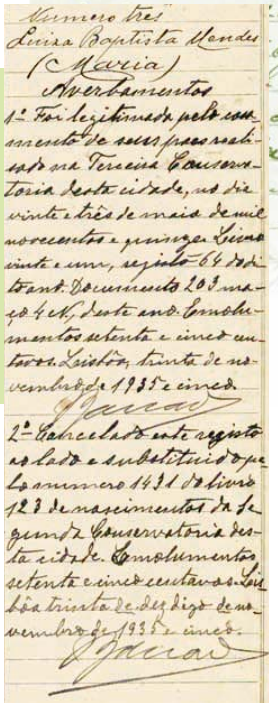


41

Sabias que…

- Uma das primeiras medidas tomadas pela República foi a separação da Igreja do Estado, o que levou à criação do Registo Civil obrigatório.
- Só com a República se torna obrigatório registar todos os nascimentos, casamentos e óbitos, fontes essenciais para a estatística da população.
- Antes da criação do Registo Civil obrigatório, eram os párocos nas Igrejas que faziam esses registos – os Registos Paroquiais. Quem não era baptizado não tinha existência legal.

42



Curiosidades…

Só depois da instauração da República, a Torre do Tombo é denominada de Arquivo Nacional sendo estabelecido um horário de abertura ao público. O acesso aos documentos é condicionado pela época e pelo tema dos mesmos.
A documentação posterior a 1800, só pode ser consultada com autorização do Ministro do Reino.

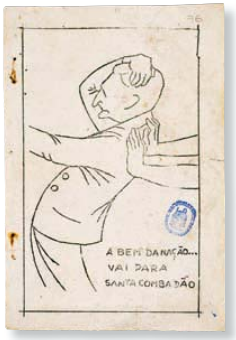
Da República… ao Estado Novo

Uma grande instabilidade política, social e económica marca a 1.ª República (1910–1926), o que conduz ao levantamento militar de 28 de Maio de 1926. É instaurada uma ditadura militar até 1933, ano em que são criadas as bases do Estado Novo.

43

44

45



A Constituição de 1933 é a prova de um regime antidemocrático, em que as liberdades fundamentais do indivíduo, enquanto cidadão, não são reconhecidas.

O principal instrumento de repressão é a polícia política designada por PIDE. Mas, há outras formas de repressão como a censura que abrange toda a imprensa, livros, rádios e eventos culturais como o cinema, o teatro, os congressos e outros.

Sabias que…

- Durante a 1.ª República (1910–1926) e como sinónimo da instabilidade então vivida, Portugal teve 8 Presidentes da República, 45 governos e 10 conspirações armadas.

46

… e a Torre do Tombo?

Durante o Estado Novo, o poder político não sente necessidade de investir na instituição que representa a Memória do País, base da identidade do Povo Português.

Há muito que o Arquivo não tem capacidade para cumprir as suas funções. Não tem espaço para receber mais documentos. Há muito que a necessidade de um novo edifício é reclamada…

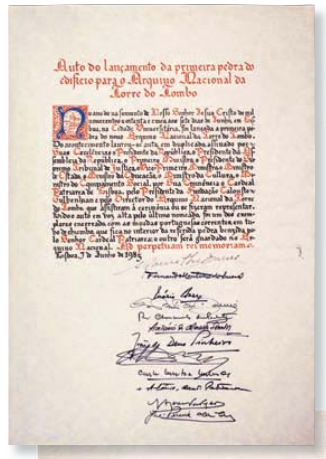
Sabias que…

- Quando se encontrava instalada no Palácio de S. Bento, a Torre do Tombo apenas dispunha de uma sala de leitura com 29 lugares.
- Hoje, a Torre do Tombo dispõe de uma Sala de Leitura com 100 lugares.
- A documentação do Arquivo da PIDE/DGS é das mais consultadas.

A Torre do Tombo na Sociedade Democrática

A 25 de Abril de 1974, uma revolução militar, que contou com o apoio do povo, pôs fim ao Estado Novo devolvendo a democracia a Portugal. Uma nova Constituição garante as liberdades fundamentais do cidadão, entre as quais o direito à informação. Este direito agudiza a necessidade de um novo edifício que permita ao Arquivo Nacional cumprir a sua missão: guardar, preservar e divulgar a Memória Nacional.

47



E finalmente… uma Casa para a Memória

Através desta viagem, e por várias vezes, verificaste as carências da Torre do Tombo, quer no que respeita a espaços, quer a recursos humanos. Também os guardas-mores entrevistados se lamentaram desta situação. Recordamos-te que após o terramoto de 1755 o Arquivo foi transferido, com carácter provisório, para o Convento de S. Bento da Saúde onde se manteve até 1990! Mais de 200 anos! A necessidade de construir um edifício que albergasse os quilómetros

de documentação dispersos, que constituem o Património Arquivístico Nacional, agudizou-se depois da Revolução de Abril, com a extinção de instituições e serviços, cuja memória tinha de ser preservada. A resposta surge, finalmente, em Dezembro de 1990 com a inauguração deste edifício – a Casa da Memória da Nação.

Curiosidades...

Para teres uma ideia das dimensões da Torre do Tombo eis alguns dados interessantes:

- Área ocupada pelo edifício – 11 265m^2
- Área útil do edifício – 54 235m^2
- 7 pisos, dos quais 4 de depósito
- 140km lineares de prateleiras.

Sabias que...

- A documentação transferida do Palácio de S. Bento para o novo edifício ocupava cerca de 35Km lineares de prateleira. Hoje já são cerca de 100Km lineares.
- O Arquivo Nacional também tem sido enriquecido por doações de particulares, que fazem entrega dos seus arquivos pessoais, de família ou de empresas.

O exterior do edifício...

Já te apresentámos a missão do Arquivo Nacional, o seu interior, os seus serviços, alguns dos documentos que preserva.

Queremos convidar-te para, à saída, apreciares o exterior do edifício. Como poderás ver, a sua estrutura é imponente. A base lembra a arquitectura das pirâmides do Egipto, templos construídos para a eternidade, numa analogia ao carácter *sagrado* da Casa da Memória e à missão de fazer perdurar a nossa Memória Colectiva...

As fachadas, principal e posterior, são encimadas por oito gárgulas, elementos escultóricos de grande significado e beleza. Propomos-te que as observes, e que ao interpretares a sua simbologia, melhor entendas a missão do Arquivo Nacional.

Antes de nos despedirmos e para te falar na Torre do Tombo, neste início do século XXI, ninguém melhor do que o seu director. De novo, os nossos jovens repórteres, Matilde e Simão, para tentar saber quais os desafios que o futuro coloca ao Arquivo Nacional.

A Torre do Tombo e o futuro: à conversa com o director...

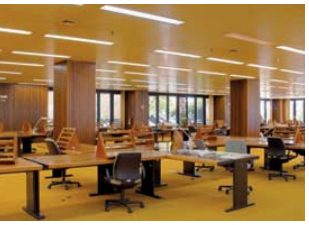
Matilde – Se a Torre do Tombo é uma instituição reservada a utilizadores maiores de 18 anos, porque razão o Arquivo Nacional é visitado por tantos jovens estudantes?

Director – As áreas do Arquivo Nacional da Torre do Tombo reservadas a maiores de 18 anos estão relacionadas com a consulta dos documentos. Existem também outras áreas de acesso condicionado, como por exemplo as de transferência de suporte (fotografia, microfilme, digitalização, etc.) e laboratório de conservação e restauro, entre outras que podem ser visitadas por jovens, desde que devidamente agendadas.

Existe ainda uma sala de exposições temporárias que é de acesso ao público em geral. As visitas de estudo organizadas constituem por isso uma forma de muitos jovens terem a oportunidade para visitar a Torre do Tombo, independentemente de terem ou não 18 anos.

Simão – Na sua opinião, o que deve ser feito para motivar um público cujos interesses e vivências dificilmente passarão, pelo menos nos anos mais próximos, pela necessidade de frequentar um arquivo?

Director – Mais cedo ou mais tarde todos teremos necessidade de frequentar um arquivo. A necessidade de fazer prova de que participamos num determinado evento/acontecimento, praticamos determinados actos (registo de matrículas, etc.) obriga à consulta de documentos que se encontram nos arquivos. No entanto, a organização de Serviços Educativos, em estreita colaboração com os programas curriculares das escolas deve constituir uma forma de atracção de novos públicos e motivar novas curiosidades. A diversificação da oferta de produtos culturais, desde exposições, ateliers e outras actividades lúdicas, divulgação dos documentos mais significativos, usando os meios de comunicação de massas e as tecnologias da comunicação e informação, podem constituir formas atractivas de olhar para os arquivos, na sua dupla vertente: memória e identidade cultural e garantia dos direitos dos cidadãos.



Matilde – O novo edifício é fundamental para que a Torre do Tombo possa corresponder à sua missão. No entanto, a produção de documentos tem crescido a ritmo acelerado. Será que a Torre do Tombo tem capacidade de resposta?

Director – O actual edifício da Torre do Tombo tem cerca de 100Km de documentos e sua capacidade máxima está estimada em cerca de 140Km. Saliente-se, no entanto, que foram diagnosticados em 2003 – através de inquérito indirecto – cerca de 700Km de documentos produzidos pela Administração Pública Portuguesa, na área da Grande Lisboa. Este

volume documental que se encontra disperso por vários edifícios pertencentes a diferentes Ministérios, ainda por avaliar, corre sérios riscos de abandono se não forem responsabilizados os respectivos serviços produtores. Nesse sentido a Direcção-Geral de Arquivos (DGARQ) tem vindo a defender uma política que responsabilize os serviços produtores para intervir em todo o ciclo de vida dos documentos e desta forma obviar ao desmesurado crescimento do volume documental.

Simão – Senhor director, actualmente fala-se muito em substituição de suportes. Que projectos é que a Torre do Tombo tem sobre esta matéria?

Director – A definição e políticas no âmbito da transferência de suportes são definidas no âmbito da DGARQ, cabendo ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo aplicar essas políticas na gestão dos seus fundos documentais. Até ao momento foram desenvolvidos dois eixos orientadores: microfilmar e digitalizar os documentos que se encontram em estado avançado de degradação e utilizar os mesmos processos para disponibilizar e difundir os documentos mais solicitadas pelos utilizadores dos arquivos. Neste momento estão a decorrer alguns projectos de digitalização sistemática, como o dos registos paroquiais – baptismos, casamentos e óbitos e dos processos da Inquisição de Lisboa.

Matilde – Ao longo da História da Torre do Tombo, o cargo de guarda-mor foi ocupado por figuras marcantes da nossa História como Fernão Lopes, Damião de Góis, Manuel da Maia, entre outros. No século XX, esse cargo foi ocupado por muitos historiadores mas raramente por arquivistas. Sabemos que o senhor é arquivista. Acha que é fundamental essa formação para o bom desempenho do cargo?

Director – Os conhecimentos profissionais são sempre essenciais ao desempenho dos cargos. No entanto, o profissionalismo, a competência, a capacidade de gestão, a transparência dos actos praticados e o compromisso com o serviço público, são certamente as características essenciais para um bom desempenho deste cargo.

Simão – Acha que a profissão de arquivista e outras, ligadas aos arquivos, são profissões com futuro?

Director – Enquanto o homem viver em sociedade os arquivos serão sempre um dos pilares essenciais dessa mesma sociedade. Os arquivistas, profissionais dos arquivos responsáveis pela sua organização e fruição serão sempre necessários para assegurar os direitos dos cidadãos. Neste sentido estamos perante uma profissão que alia tradição, modernidade e futuro.

Matilde – Na qualidade de director da Torre do Tombo no início do século XXI, que mensagem gostaria de deixar aos nossos jovens?

Director – Uma mensagem de esperança e de desafio: de esperança num aprofundamento da democracia participativa, em que os arquivos jogam um papel fundamental através da sua capacidade demonstrativa – meio de prova – da responsabilidade social das Administrações; desafio, no sentido em que se comprometam a valorizar os documentos que hoje também produzem e a transformá-los em parte integrante do seu arquivo pessoal organizado.

A nossa viagem fica por aqui… mas se quiseres prolongá-la mais um pouco, convidamos-te ainda, para uns passatempos… Diverte-te!

Até à próxima!
Ficamos a aguardar nova visita!

Grandes Momentos

Séc. XII

1129 – O documento mais antigo onde aparece pela 1.ª vez a palavra Portugal.
1179 – Afonso Henriques é reconhecido, pelo papa, como rei de Portugal, pela Bula Manifestis Probatum.

Séc. XIII

1279 – Início do reinado de D. Dinis.

Séc. XIV

1352? – Real Arquivo da Torre do Tombo no Castelo de S. Jorge.
1385 – D. João, Mestre de Avis, é aclamado rei nas Cortes de Coimbra.

Séc. XV

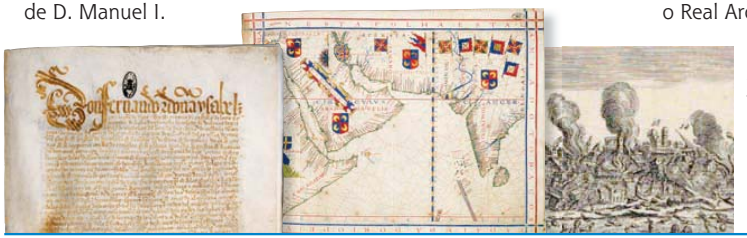
1418 – Fernão Lopes, é nomeado guarda-mor da Torre do Tombo.
1494 – D. João II e os Reis Católicos assinam o Tratado de Tordesilhas.
1495 – Início do reinado de D. Manuel I.

Séc. XVI

1500 – Carta de Pêro Vaz de Caminha dando conta do achamento do Brasil.
1548 – Damião de Góis, é nomeado guarda-mor da Torre do Tombo.

Séc. XVIII

1745 – Manuel da Maia é nomeado guarda-mor da Torre do Tombo.
1755 – Terramoto de Lisboa que provoca o desabamento da torre do Castelo de S. Jorge onde se localizava o Real Arquivo.
1757 – O Real Arquivo da Torre do Tombo é instalado no Convento de São Bento da Saúde.

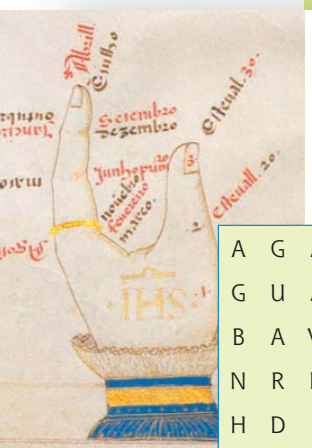


Séc. XIX

1807 – Início das Invasões Francesas e embarque da Corte para o Brasil.
1820 – Revolução Liberal.
1822 – 1.ª Constituição Portuguesa.

Séc. XX

1910 – Proclamação da República.
1974 – Revolução do 25 de Abril.
1990 – Inauguração do novo edifício da Torre do Tombo.



Passatempos

• Sopa de letras

A	G	Á	R	G	U	L	A	T	B	D	R	R	A	D
G	U	A	R	D	A	R	X	A	U	E	E	D	I	A
B	A	W	E	R	T	O	M	N	L	E	F	I	B	O
N	R	H	O	R	Á	R	I	O	A	P	E	G	R	I
H	D	I	V	U	L	G	A	R	X	R	R	I	A	L
J	A	X	T	O	M	B	O	T	O	E	E	T	I	U
L	M	V	R	M	I	S	S	A	O	S	N	A	E	M
I	O	B	A	R	C	Ó	D	I	C	E	C	L	W	I
U	R	A	T	R	R	E	L	E	F	R	I	I	A	N
F	U	E	A	A	O	R	L	I	N	V	A	Z	E	U
D	E	R	D	A	F	U	N	D	O	A	U	A	N	R
R	V	F	O	R	I	L	U	Y	A	R	K	R	S	A
E	P	A	P	E	L	A	P	O	S	E	L	O	U	S
S	I	P	M	E	M	Ó	R	I	A	L	O	E	P	E
T	M	Ó	O	P	E	R	G	A	M	I	N	H	O	T
A	E	C	W	C	O	O	T	S	I	G	E	R	R	H
U	F	A	I	A	R	C	A	B	U	R	R	A	T	U
R	E	L	L	A	R	Q	U	I	L	O	T	T	E	E
A	S	I	L	R	E	S	O	T	A	U	R	O	S	P
R	T	P	A	S	S	A	R	O	L	A	H	R	E	I
I	L	S	O	D	I	V	R	C	O	R	E	R	E	D
K	R	E	A	L	E	V	E	T	O	Q	S	E	A	E
D	O	C	U	M	E	N	T	O	S	U	T	N	C	D
F	C	A	R	T	O	G	R	A	F	I	A	T	O	G
G	L	E	I	T	U	R	A	N	O	V	A	R	E	S
V	A	L	O	R	I	Z	A	R	E	O	R	I	R	O

Procura as seguintes palavras

APOCALIPSE
ARCA BURRA
ARQUIVO
BULA
CARTOGRAFIA
CÓDICE
DIGITALIZAR
DIVULGAR
DOCUMENTOS
FUNDO
GÁRGULA
GUARDA-MOR
GUARDAR
HORÁRIO
ILUMINURA
LEITURA NOVA
MEMÓRIA
MICROFILME
MISSÃO
PAPEL
PASSAROLA
PERGAMINHO
PIDE / DGS
PRESERVAR
REAL
REFERÊNCIA
REGISTO
RESTAURAR
SELO
SUPORTE
TOMBO
TORRE
TRATADO
VALORIZAR

• Assinala **verdadeiro** ou **falso**

O nome «tombo» significa:
– a queda da Torre do Tombo no terramoto de 1755. V F
– registo dos bens que pertenciam ao rei. V F
O documento mais antigo da Torre do Tombo data do século IX. V F
A Torre do Tombo tem como missão:
– salvaguardar a memória das figuras importantes, para a história de Portugal; V F
– salvaguardar a memória colectiva do povo português. V F
No tempo do rei D. Fernando, a Torre do Tombo foi instalada:
– no Convento de S. Bento da Saúde; V F
– na Torre Albarrã do Castelo de S. Jorge. V F
Ao Arquivo podemos chamar Casa da Memória. V F

• Ordena de 1 a 9 as imagens referentes ao circuito do documento

• Ordena de 1 a 5 as imagens referentes ao circuito do utilizador

- Completa as palavras e encontrarás alguns dos **documentos** mais conhecidos da Torre do Tombo

B _ _ _ _ _ A DOS J _ _ _ _ _ M _ _
B _ _ A M _ _ _ F _ _ _ _ _ PR _ BA _ U _
L _ _ _ _ _ _ N _ V _
A _ _ C _ _ _ P _ E DO L _ _ _ Ã O
CA _ _ _ DE P _ _ O V _ Z DE C _ _ _ _ _ A
AT _ _ _ DE F _ _ _ Ã _ V _ Z D _ _ R _ _ O
C _ _ _ T _ T _ _ Ç _ _ DE 1 _ 22
A _ Q _ _ _ O S _ _ _ Z _ R

- Queres conhecer melhor os documentos apresentados, ao longo deste guia? Consulta o *site* **www.dgarq.gov.pt**. No item visitas de estudo, vais encontrar um *link* Guia Jovem. Abre-o e parte à descoberta das referências dos documentos que estão numerados neste Guia.

- Nesta lista encontra-se o nome de três guardas-mores da Torre do Tombo. **Identifica-os**, riscando os que considerares incorrectos

- Pêro Vaz de Caminha
- Damião de Góis
- Vasco da Gama
- Fernão Lopes
- Manuel da Maia
- Bartolomeu de Gusmão
- Fernão Vaz Dourado
- António de Oliveira Salazar
- Bartolomeu Dias

- **Identifica os guardas-mores**, fazendo a legenda

* *Representação inspirada na figura que se lhe atribui nos Painéis de S. Vicente.*

Podes encontrar as soluções dos passatempos no nosso *site*: **www.dgarq.gov.pt**